



Quinzenário Humorístico e Literário

Director: David Braga. Colaborador artístico: D. Dantas. Editor: Mendes Braga.

Redacção e Administração: Rua Dr. José Sampaio, 6. Propriedade da Empresa de "O Taralhão". Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesse.

O TARALHÃO é o jornal humorístico de maior circulação cá no burgo.
Assinatura trimestral: 1\$80. ■ Número avulso: 35 centavos.

IMPRESSÕES DO JORNALISMO

Vou hoje referir-me, por unânime vontade do corpo redactorial dêste quinzenário, aos colegas vimaranenses e ao seu mutismo que indirectamente fere.

Apareceu, em 24 de Agosto, o primeiro número de «O Taralhão», quinzenário humorístico e literário que se preza de ter uma educação moderna apesar de *alguns* lhe chamarem, num insulto injurioso e mal cabido, malcriado e indecente.

Mandámos, como nos cumpria, entregar um exemplar em cada redacção esperando que seria aceito carinhosamente.

Um engano nosso! Não houve um só jornal da terra que acusasse a recepção do «Taralhão», o que, afirmo-o intemerato, em nada nos prejudicou se esquecermos momentaneamente a lamentável indelicadeza ou a reserva deplorável de jornais tam caprichosos.

Houve um, mais comunicativo e leal, que permutou imediatamente, dando mostras dum cavalheirismo que agradecemos reconhecidos, desculpando-o do resto por razões diversas.

Ora, passemos ao principal do assunto. Sabemos, ou antes, presumimos que o que levou os colegas a êsse acto injusto e imerecido foi a mordacidade com que o nosso jornalzinho atingiu certos correligionários seus. Raciocinaram mal porque no próprio artigo do fundo se esclareceu que não sustentamos credo político e portanto, sob tal ponto de vista, as piadas distribuem-se pelos que mais as merecerem.

De maneira alguma nos incomo-

do o seu gesto. Contudo censurámo-lo, o que, bem analisado, nem os atingidos terão razão de queixa. Proibimos, como devem saber, a entrega de mais exemplares nas respectivas redacções e jamais aceitaremos permuta com aqueles que zombaram da nossa delicadeza.

Julgaram-nos crianças e crianças nos creram quando viram a indiferença nossa em presença dessa prova de desprezo mal imitado. Ora tropeçaram aí. Nestas crianças, ou antes, nestes rapazes, há sentimentos que fazem falta a certos homens. Aqui há uma só cara e um só coração. Há constância na maneira de pensar. Há carácter e dignidade. Há honra e brio. E se alguém nos atira coices, encarregamo-nos de, tarde ou cedo, lhe cortarmos as patas.

Rimo-nos também da sua fraqueza. Nós não desejávamos a permuta pela beleza dos jornais. Não, e longe disso. Para ler preferimos os clássicos e os românticos famosos. Quanto a notícias... já estamos fartos de as conhecer quando as registam ou mencionam. Se tentámos permutar, foi somente por um acto de solidariedade. Negaram-se indignamente e nós, mais humanos na clemência para com os fracos, ficámos absortos no emmudecimento que sentiram, apesar de, por mais de uma vez, podermos descarregar o «Taralhão» sobre alguns cibos de prosa desageitada e tósca. Não foi o medo que imperou nas nossas esferas — (cá na casa não há disso!) — e a prova é o artigo presente.

Eu.

:: NA BERLINDA ::

— Anda Novais. Anda Rossinac. Vamos comer um bifesito *brumelho* como sangue de burra!

— Eu já comi, Hermenegildo. Não quero bife da Linha.

— Mas tornas a comer, ou esticas como os outros com o pingo. Aqui não há goma. Pst... pst... ó Macêdo, traga de lá um bife para três!...

— ...Pronto, clientes amigos da patuscada...

— Bem, visto que o meu *setarias* também dá um giro, quero a parte do bife que me pertence... Parte isso bem, Hermenegildo!...

— Olha, aquela ponta, retorcida como um chouriço de cão, é p'r'ó Rossinac.

— Não pago! Eu quero do *bô*, ouviste?!

— Vá, pouco banzé!... Eu já como... Não é mau... Ah!... Tem um defeito! E' saber a pouco.

— Que dizes, Novais? Olha que apesar de pouco, custou cinco paus, o que, diga-se sem vaidade, pouco é para quem como nós paga em marcos (papel).

— Siu... quem vem aí?... Ah! E' o Monteiro dos correios! Por cá, *seu Stopas*?

— Vocês fazem um barulho...! Irra! E os do *Taralhão* lá em baixo a *scuitar*!

— O quê???

— Que me diz???

— Eles aí???

— Ai, Pai da vida! Nem a comer se está descansado. O' malfadado bife, ficarás imortal! Um bife p'ra três!!! E os *taralhões* na maldita espionagem! Estamos gramados!...

COCA-BICHINHOS.

Leiam a última notícia da terceira página!!!

NO REINO DOS PATOS



Uma serenata:

O' minha mãe, minha mãe,
(Oh'ela!)
ó minha mãe, minha amada;
(Oh'ela!)
quem tem uma mãe tem tudo,
quem não tem mãe não tem nada!

«Mãe-oh'ela» fui um dia,
e do parque sou fiscal,
mas vivo sem alegria
neste amado Portugal.

Hoje aqui estou a cantar,
que importa eu seja barbeiro?
Quem é pobre pode amar
como os homens de dinheiro.

Triste sorte a dum peneira
que se embala no trinar
a ver se uma costureira
compreende o seu palpitar.

Olha p'ra mim, se não dormes,
estrêla, minha ventura,
e más ideias não formes
dêste asno que te procura.

O' fado que foste fado,
no tempo da «Patuleia»,
que dirás dum desgraçado
que nunca amou gente feia?

Até já a lua se ri
destas minhas «asneiradas»;
mas tudo faço por ti,
amada entre as más amadas.

Quando sinto teus queixumes
eu sou todo «tremeliques»;
e tu, amor, só presumes
em despejar alambiques.

Adeus amor, percebi,
sem poder haver perdão,
que mais uma vez cai
no maldito «Taralhão».

MEFISTÓFELES.

:TARALHANDO:

Na passada segunda-feira, na estrada de Caneiros, o automóvel do Jordão pegou ao sôco com um do seu vizinho Machado, pregando-lhe uma tremenda bofetada que lhe amassou os colarinhos. Interveio na contenda um moleiro com seu jeriquinho. Este ficou logo no sítio; e o pobre dono seguiu para o hospital, lá para com êle pensando que bem melhor fôra ter levado o diabo mas era a grandíssima bêsta causadora de todo o mal.

Nos melhores hotéis cá da terra — Aliança e Covilhã — bôcas tresandando a álcool têm protestado contra o «Taralhão». Aplaudimos os D. Borrachos.

Algumas meninas aproveitam a nossa presença para dizerem graças... sem graça nenhuma.

O' filhas, o foco não chega para tôdas!...

Há dias, quando atravessava a Avenida Cândido Reis, um amigo nosso teve a infelicidade de tropeçar num calhau (mas sem olhos), indo cair dentro de uma das profundíssimas covas dos passeios. Depois de guindado, o infeliz teve de coser o *tacho* com quatro pontos naturais.

Por tal motivo, dizem-nos que vão ser afixadas umas lápides comemorativas, com os seguintes dizeres: «Não escorregar!... Perigo de vida!...»

O João Couto — que em tempos se equivocou com os filhos de Zebedeu — pediu 4 mortalhas a um amigo. Assim quem quer fuma!

Constando-nos que certos gajos andam a proparlar pelos quatro cantos cá do burgo que hão de dar uma sova mestra nos redactores de «O Taralhão», sem que até hoje se tenham resolvido a pôr em prática tal ideia: avisamos êsses badamecos de que, quando perderem um pouquinho de amor aos respeitáveis canastros, podem aparecer-nos, nem que seja de emboscada, como os biltres.

Aqui não há medo!...

Imprensa.

Recebemos a «Revista de Guimarães», que, como sempre, insere magnífica colaboração; e «A Troça», quinzenário humorístico da vizinha vila de Fafe.

IRREALIZÁVEIS

Ante-ontem à noite foi passada uma rigorosa busca aos buracos dos passeios da Avenida Nova, por constatar que neles se achava escondida uma temível quadrilha de bandidos há muito procurada pela policia civil de Guimarães.

Os lampiões do Tournal vão alumiar de dia.

O Tomazinho passou a político encartado pelos serviços prestados à causa.

O dentista de S. Dâmaso vai quebrar cascalho com o trazeiro por desgostos do officio. Bem fêz o Cunha que lhe pregou o calote.

A terceira edição do livro de liricas «Verde Esperança» já se encontra quasi esgotada.

Há hoje um sarau de arte na casa do Grizeta.

O nosso amigo Coelho vai ser requisitado para candieiro da iluminação pública, devido às suas lanternas de grande potência... microscópica.

As cloacas da Praça do Mercado vão ser elevadas à categoria de centrais, para compatibilizarem com o edificio cacifro dos Correios.

Numa das noites da passada semana realizou-se, no Passeio da Independência, um engraçado «match» de foot-ball entre o Onze Atiradores Civis e o Grupo Desportivo Bate fôlhas. O desafio correu animado, cabendo a vitória ao primeiro com o resultado de um... a zero. Devemos salientar a admirável pericia do guarda-rede, Sr. Pereira (de C.), que conseguiu encaixar 2 bolas mesmo à entrada... da balisa.

Desporto.

No passado domingo realizou-se, em Vizela, um encontro entre o Estrêla Foot-Ball Club, daquela povoação e o Vasco da Gama Foot-Ball Club, desta cidade.

O resultado do importante «match» foi de 5 a favor dos meus do Vasco da Gama contra 2 dos graúdos do Estrêla.

RIO-VEZ.

— Publicam-se quaisquer comunicações dos clubs desportivos, que não sejam muito extensas.

DITOS E PENSAMENTOS

Truz!... Truz!... Truz!...

Mão misteriosa.

Quem é?...

Voz feminina.

Abre a porta que é bombeiro!...

A. J.

Eu hoje venho muito bonito.

Jaime.

Escrevi-lhe duas cartinhas dizendo-lhe que a amava do coração.

Cunha.

Tenho orelhas de fidalgo.

Coelho.

Sou mesmo como um bijuzinho!

Tónio Zé.

Se fôsse uma francêsa, queria-a eu!

A. Ferreira.

Manda dizer o sr. Castelar que a culpa não é dele: é da fita que é mais larga que o aparelho!

?

O homem, dois dias antes de casar, é todo delicadezas! Depois... chicha!!!...

Adélia.

Desde que os cegos nos viram, nunca mais nos largaram...

Teixeira (L.).

Correspondência aldeã

Telefone 9.999.

Consta-nos:

Que o sr. Francisquinho mandou vir em grande velocidade cinco arrobas de café para oferecer aos amigos.

— Oxalá êle chegue depressa!

Que as barbas do sr. José dos Santos, são aquelas que melhor devem ser estimadas, por isso que são as mais sedosas.

— Brevemente levarão uma tesourada!

Que há quem diga que certos rapazes cá da aldeia, são uns verdadeiros rambóias.

— Insultem-nos, que êles ralar-se-hão muito!!!

RATACHIM & C.ª

EM FOCO

Ela floresce risonha e indiferente às seduções mundanas. Ama. E tanto basta para que a sua vida se ilumine, num hino harmonioso e angelical, do mais puro e fluente amor.

Maria, é o nome que usa desde a infância e que a distingue nos líricos pensamentos daqueles que a contemplam. Madre Deus Martins, mais uns nomes que, qual coroa de rosas brancas, exprimem a sua inocência.

Não destaco hoje, neste lugar invejado, uma donzela que caminha engalanada ao capricho da moda, mas sim uma simples e adorável mocinha que faz da solidão o abrigo modesto e doce da sua vida de sonhadora e romântica.

O olhar que recende é a luz suave que o seu coração suplica se dilate, é a luz penetrante que involuntariamente alvoroça as almas mais insensíveis e é também a lira gemendo ameigada como que por uma imensa toalha de pálido luar.

A voz melíflua que sai da bem talhada boca é impressionante como o chilrear do rouxinol em dias de sol ameno, em tardes da primavera.

O seu namorado lhe oferece esta soneto que é bem a balada dum coração apaixonado:

Maria, assim se chamou aquela santa por quem na terra eu vivo, tão somente suicidado num amor veemente que suspirando minha musa canta.

Eu não sei definir o meu amor, porque amor sinto neste peito em chama! Amo sincero e minha musa aclama essa donzela de rosada cor.

Maria é nome lindo, ditinal, seu coração segredos dos meus ais, e o seu olhar vertente lacrimal.

O seu nome refulge entre os mortais, enquanto o nosso amor será imortal nos moços que sorrindo amarem mais.

FLACO.

Duas verdades que este vate põe a lume. Ama também e sem o rubor da inexperiência, confessa-o. A gente moça é assim. E deve sê-lo, porque o amor é uma doença que ataca toda a gente, apesar de, como dizia um crítico de Balzac e Vitor Hugo, só os que não amam o poderem definir.

JAQUES BELO.



O Taralhão.

Terminando com o próximo número o primeiro trimestre de «O Taralhão», temos a honra de comunicar aos prezados assinantes, que ainda não pagaram as suas

Mais um filho de Minerva! Mais um mancoço que a musa embriaga. Um poeta que faz tremer os cabelos deste humilde crítico que se chama — «Não te rales». A sua obra, que se intitula — *A vida dum empregado de farmácia, fora da cidade* — é sem dúvida um trabalho sublime que revela o bom e fino gosto, a inalterável clareza dum vate do século XVII ou seja — da escola da marmelada. Tem um defeito: é gostar da pinga. Mas este defeito pertence ao poeta e não à obra... apesar de esta sofrer as consequências... E há quem diz que o gosto lírico morreu! Quem assim fala não leu por certo as redondilhas e arredondadas deste humilíssimo rapaz. Ver para crer, como S. Tomé:

« Ao resplandecer da Aurora
Ao cantar dos passarinhos,
Salto por a cama fóra
E arregaço os colarinhos.

Lavo-me, mas sem demora
Visto-me imediatamente
Calçanto-me num botafóro
Pra aturar algum cliente.

Chega-se o meio dia
Ou meio dia e tal
Sem canção nem melodia
Carrego-lhe no cordial.»

Foi no Pevidém que o nosso herói, o Camões do século XX, se inspirou na versalhada... A musa tem filhos verdadeiramente felizes nos seus trabalhos! Este caticou os seus afectos. Levou a efeito uma obra que meteria gana a Pires Zinão, esse risonho caudador do século XIX, se o dito existisse ainda para fazer versinhos à sua cara-metade. Ai, senhores, o verso é uma lágrima que brota do coração (perdoem esta forma extravagante), é um ai que a alma inspirada vomita com naturalidade! Pois o nosso herói estas qualidades possui. E sem exagero. Sem desfazer em quem está presente, poetica com muito acerto.

Continuemos nas delicias:

« E então durante a tarde
Começo de novo outra vez
C'ua barriga co'um alarme
Aturar algum freguez.

Depressa se chega à noite
Vou de novo comer
Com este vate de açoite
Prontinho
[aqui é indelicado]

Comitidinha chega bem
O Verdial é como mel
Coisinhas há também...
Que melhor vida quer o Manê!»

Está terminado o trabalho de Manuel Pereira da Costa. Bendita a jaqueta que cobre tam doce rapaz! Musa, porque não inspiras tu esses homenzinhos que nos querem perseguir? Esses infelizes bonifrates que têm caído no «Taralhão»? E' que os teus destígnios são infalíveis. Do contrário era uma borgia, uma sopa!
Tenho dito.

NÃO-TE-RALES.

assinaturas, que era uma grande ideia patriótica reembolsarem-nos do respectivo carôço durante estes quinze dias, a contar de hoje, 19 de Outubro de 1924. Demais a mais que, como se disse no primeiro número, o pagamento é adiantado.

PÁGINA LITERÁRIA

Esperança

*Depois da meia noite ter soado,
numa capela junta a um cemitério,
fui visitar o meu jardim plantado
sobre o sepulcro dum ser adorado
que treme em sonhos num recanto etéreo.*

*A noite estava fria, enregelada,
e o vento sussurrava no folheto...
E no sepulcro eterno a minha amada
dormia incauta, só, abandonada,
enquanto eu suspirava entre o arvoredor.*

*Para que fui eu ver a moradia
daquela santa que adorei constante?
Tristonho e imundo, falto de alegria,
eu fui a passo com monotonia
regar as flores do meu jardim distante.*

*Quem ama e sonha com loucura imensa,
quem nesses sonhos sente adormecer,
não causa espanto que alimente a crença
de se encontrar um dia na presença
da amante ingénua por quem quis viver.*

ABAILARD.

Triste

*O luar melancólico nasceu
sobre a terra tristonha, mansa e fria...
E ela gemendo, oh! Deus, tanto tremia,
que sem mentir meus olhos comoveu.*

*Não tremas dulcineia! lhe disse eu
enquanto no meu peito reprimia
a comoção tremenda que sentia
ao vê-la triste como a luz do céu.*

*Esta vida deploro!, me disse ela,
e voltando ao luar a face bela,
uma lágrima trémula caiu.*

*Senti em mim um dó tam comovente,
por vê-la assim do mundo descontente,
que já minha alma a morte presentiu...
Ela sofria assim horrivelmente
porque uma dor que atinge toda a gente
aquele coração triste feriu.*

PETRARCA.

— Homem, disse a Morte com voz cavernosa: por violares a nossa residência deves ser julgado. A tua amante morreu e tu deves morrer também. A Providência assim quer! Vês aqueles esqueletos denegridos, aquelas caveiras que causam dó?

— Vejo!... E que são?...

— São os restos de homens, destemidos como tu, que ousaram descobrir os segredos do Além.

E preparava-se para lhe cravar o gume laminoso que, apesar da froixidão da luz, derramava reflexos como todo o metal polido.

— Alto! berrou o condenado com estupefação. Semelhante pena é abominosa, e eu, ó incansável e cruel ceifeira de todos os séculos, se aqui estou não é por minha condicional vontade, mas sim pela resolução do fado! Que mal te fiz, sempiterna inimiga do socêgo? Hás de ser maldita constantemente, pois que representas a mais fatal de todas as sortes!...

— Como te enganas, homem sem crença! tornou a Morte com desdém. A turba me aclama muitas vezes, muitas vezes me evoca. Mas tu, continuou em progressivo furor, predizes-me maldições por cumprir um dever humanitário, um sagrado dever!... Que mais te não vejam os meus olhos. Oh! tu, continuou, dirigindo-se agora a um fantasma da direita: toma um barrote nessas mãos e desanca francamente sobre a cabeça dêsse mancebo, que eu irei concluir a minha obra finalmente para lhe cavarmos aqui o seu barranco.

O fantasma assim fez. Pegando numa trave que para lá estava, deu algumas pancadas no condenado. Ia perdendo os sentidos. De repente, sentiu-se abanado.

— Ah!, disse êle agonizante: a Morte me venceu sem que eu te pudesse valer, minha amada! Já morro! Já sinto a vida... a vida a fugir-me! Adeus...

— Descançai, irmão, que ainda sois novo!, interrompeu uma voz cheia de ternura.

Tornou a si o censurado amante. Tudo se havia dissipado.

Já não estava no subterrâneo em contacto com a Morte, nem nos montes arejados em conversação amena com a pastora ideal, nem no palácio das fadas a ouvir a lira em ritmos sentimentais, mas sim na sua cela, a eterna moradia de um monge.

— Irmão, disse êle ao outro monge, que o acordara: eu estava dormindo...

— Estáveis sonhando docemente!

— Vós, ouvistes-me?

— Quis Deus que assim fôsse.

— Perdão, perdão!, tornou, ajoelhando-se em convulsões amargas: Irmão, estais senhor do meu segrêdo,

mas ocultai-o por amor do Nazareno, pois que o bom cristão nunca entrega um humilde que suplica piedade! Foi um doentio sonho de que não fui culpado! Meu Deus! Meu Deus!

E desatou a chorar de tal maneira ferido, que o outro monge, juntando as mãos e elevando os olhos humedecidos ao céu só disse:

— Bálsamo purificador, meu Jesus, na multidão que se arrasta em amores ingratos!... Irmão meu, o sino da capela já nos chamou à reza. Vamos! E que jamais alguém trave conhecimento com os vossos infortúnios! Para tal me benzo, e farei do-ravante fervorosos votos para dêles serdes esquecido!

— Sois um santo!

— Vamos.

Os dois se encaminharam para a porta a passos lentos, chamados pelos brônzeos sons da capela-mor. E assim como sob uma roupêta de burel se ocultava a ardência louca dum romântico mancebo, também mais tarde iríamos encontrar sob as mesmas roupagens as sublimes virtudes dum santo. A fervorosa e apaixonada crença neste Deus é o lenitivo infinito dos que sofrem.

Os sinos em geral tocavam às Trindades. Sobre os montes rochosos, sobre os campos de verdura e sobre os rios que soltam murmúrios, sobre a terra imensa finalmente a noite desceu.

PÍNDARO.

Sonho do monge

(Conclusão)